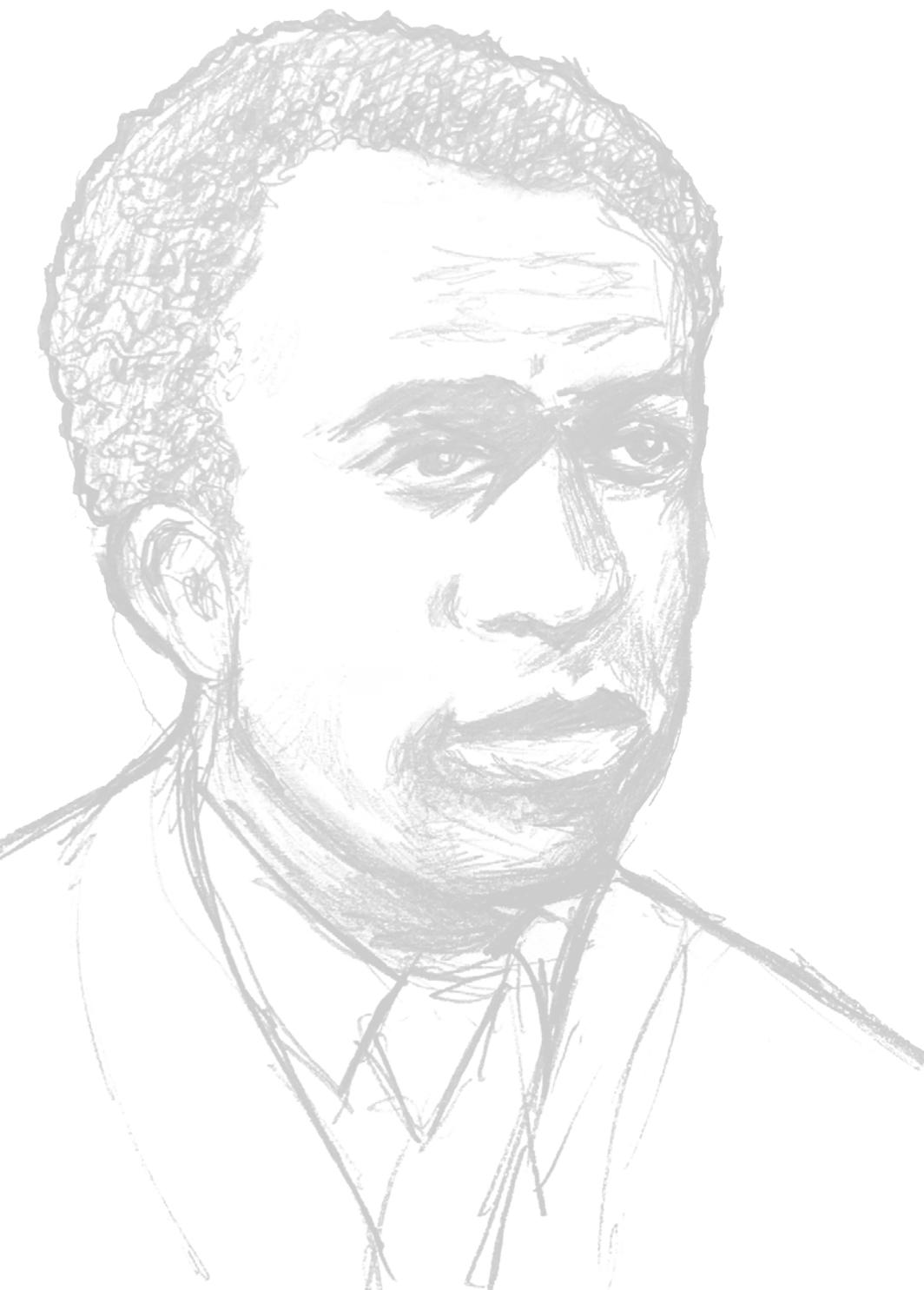


# A POLÍTICA INTERNA DE ABHALALI BASEMJONDOLO, O MOVIMENTO DE MORADORES DAS FAVELAS DA ÁFRICA DO SUL



Dossiê #11 do Tricontinental  
Dezembro de 2018



Um indivíduo isolado pode não entender um problema, mas o grupo ou a aldeia compreendem com uma rapidez desconcertante. É verdade que, se for usada apenas uma linguagem compreendida por graduados em Direito ou Economia, pode-se facilmente provar que as massas devem ser dirigidas de cima para baixo. Mas, se é utilizada a linguagem do cotidiano, se não se está obcecado pelo desejo perverso de espalhar confusão e de se livrar das pessoas, então, é perceptível que as massas são rápidas em aproveitar cada nuance dos significados e em aprender todos os truques. Se houver necessidade de linguagem técnica, isso significa que foi decidido considerar as massas como não iniciadas. Tal linguagem esconde o desejo dos ilustrados de enganar as pessoas e deixá-las por fora dos assuntos. O hábito de obscurecer a linguagem é uma máscara por trás da qual se destacam hábitos maiores de pilhagem. As propriedades e a soberania do povo devem ser retiradas ao mesmo tempo. Tudo pode ser explicado às pessoas, com a única condição de que você realmente queira que elas entendam. E se você acha que não precisa delas, e que, ao contrário, elas podem atrapalhar o bom funcionamento de muitas empresas de responsabilidade limitada, cujo objetivo é tornar as pessoas ainda mais pobres, então o problema é bastante claro (...) Quanto mais as pessoas compreendem, mais atentas elas se tornam, e mais elas percebem que, finalmente, tudo depende delas e que sua salvação está na unidade, na verdadeira compreensão de seus interesses e em saber quem são seus inimigos. As pessoas chegam a entender que a riqueza não é fruto do trabalho, mas o resultado de um roubo organizado e protegido. As pessoas ricas não são mais pessoas respeitáveis; eles não são nada mais do que animais carnívoros, chacais e abutres que chafurdam no sangue das pessoas. Com outro objetivo em vista, os comissários políticos tiveram que decidir que ninguém mais trabalharia para mais ninguém. A terra pertence àqueles que a cultivam.

—Frantz Fanon, *Condenados da Terra*, 1961.



12 de maio de 2018: ocupantes constroem barracos em um domingo de manhã.  
Dennis Webster / New Frame

A terra sempre foi central no imaginário nacionalista na África do Sul. Mas, após o apartheid, o Congresso Nacional Africano (CNA) não atuou de forma a democratizar a governança nos antigos bantustões, ou para empreender uma reforma agrária séria em extensas áreas sob o controle de agricultores brancos e agricultura de caça. Com a maioria dos sul-africanos vivendo em cidades, a CNA prometeu moradias urbanas, mas elas eram totalmente inadequadas em termos de escala e qualidade; obedeciam principalmente a uma lógica do neo-apartheid, no sentido de que era predominantemente construída em lugares desolados longe da vida urbana e das oportunidades.

A questão da terra, que tem sido vigorosamente levantada na política das elites nos últimos tempos, tem sido frequentemente considerada uma questão rural. Existe, é claro, um imperativo político urgente em relação à terra, seja sob autoridade branca ou “tradicional”. Mas é nas cidades onde tem havido um conflito constante entre pessoas empobrecidas e o Estado, e também contra proprietários privados de terras. O acesso às cidades e a perspectiva de adquirir um lar, seja do próprio Estado ou a partir dos próprios esforços, exige terra e as novas lutas urbanas são fundamentalmente lutas por terra urbana.

Dez anos após o fim do apartheid, as ocupações estavam aumentando em todo o país. O Estado não apenas as reprimiu,

mas também procurou, recorrendo a formas cada vez mais militarizadas de governança urbana, destruir as ocupações estabelecidas, algumas das quais datavam do final da década de 1970. Isso levou a uma escalada crescente de tensões. O trancamento de rodovias tornou-se uma tática comum para defender as ocupações ou exigir acesso a serviços e moradia formal em terras ocupadas.

Abahlali baseMjondolo ou AbM (expressão em zulu que significa “moradores de barracos”) emergiram desse contexto. É, de longe, o maior e melhor movimento popular organizado que emergiu na África do Sul após o apartheid. O movimento foi formado há mais de uma década, por causa da intensa hostilidade do partido no poder e de algumas Organizações Não Governamentais (ONGs), as quais assumiram um direito automático, permanente e exclusivo de representar pessoas pobres.

O AbM sobreviveu a sérias repressões, incluindo a destruição dos lares de seus membros, sob a mira de armas, bem como calúnias, prisões, agressões, torturas, assassinatos premeditados e tentativas contínuas de cooptação por partidos políticos e ONGs. Nos últimos anos, cresceu rapidamente, organizou e defendeu com sucesso numerosas ocupações de terra. Atualmente, opera mais de quarenta ocupações em todo o país. A partir dessa base das ocupações de terra, conquistou a adesão de mais de 50 mil pessoas, realizou regularmente grandes eventos públicos em campos de futebol, organizou protestos impressionantes no centro de Durban, ganhou acesso regular à

esfera pública de elite e forjou laços valiosos com movimentos em outras partes do mundo.

Para o dossiê 11 do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, passamos um tempo com Sbu Zikode, um dos fundadores e líderes do AbM. As fotografias que acompanham esta entrevista com Sbu vêm dos fotógrafos da [New Frame](#), uma revista on-line multimídia que reporta da África do Sul.





29 de maio de 2018: Uma criança caminha por uma ponte no assentamento informal de Bhambhayi em Durban, que tem lutado contra a pobre infraestrutura e a falta de serviços básicos por anos.

Madelene Cronjé / New Frame

 *Você poderia nos contar como o Abahlali começou e como se desenvolveu?*

Nosso movimento nasceu em um assentamento de barracos em Durban em 2005. As pessoas do assentamento de Kennedy Road em Clare Estate receberam uma parcela de terra destinada à habitação pública. Essa terra foi então vendida a um empresário privado para lucro privado e o povo foi às ruas. Bloqueamos uma importante estrada em fevereiro de 2005. Quando o representante eleito nos respondeu descrevendo a gente como criminosos e chamando a polícia para nos atacar, percebemos, surpreendentemente, que estávamos sozinhos. Após esse choque, uma série de debates foram realizados em assentamentos em Clare Estate que resultaram na formação do movimento oito meses depois do ocorrido, em outubro de 2005. Quando Abahlali foi formado – e esse é um ponto que eu sempre quero enfatizar – não havia indivíduos racionais que, sentados ao redor da mesa, pensaram em construir o movimento. Nós o construímos com raiva, fome e frustração. Foi construído por necessidade.

Não havia uma ideia propriamente dita de querer começar algo.

O Estado faz promessas, quebra suas promessas e as pessoas respondem. Nos foi prometido um pedaço de terra e ela foi então vendida a um homem de negócios. A raiva brotou. Paramos o trânsito por horas, exigindo respostas das autoridades. A forma de protesto mais popular na África do Sul é o uso de

piquetes em estradas como uma tática. O que é significativo é que, embora houvesse tantas manifestações em todo o país, fomos capazes de sustentar esse protesto e transformá-lo em um movimento.

O que tornou isso possível é que o Estado estava preparado para mentir e colocou mentiras à frente da verdade, colocou o lucro à frente das necessidades humanas. Como estavam preparados para seguir mentindo, acho que esse ato realmente nos permitiu colocar em prática planos de resistência consistentes. Nós não apenas organizamos nossa localidade, mas comunidades vizinhas também se envolveram. Eles disseram: “identificamos que suas demandas são nossas demandas. Podemos ampliar nossas vozes se todos nos unirmos”. Então, essa unidade era orgânica. Esse movimento cresceu da raiva para a mesa de reunião, não da mesa de reunião para a raiva.

A nossa é uma política dos pobres – uma política doméstica que todos podem entender e encontrar nela um lar.

Em relação às ocupações de terra, é algo que não fizemos desde o início. O movimento se iniciou por causa da falta de terra e porque as pessoas estavam desabrigadas. A questão da terra tornou-se central em nosso movimento. Quando as pessoas pobres vêm para as cidades, de início, elas não têm nem emprego. Se têm, é no trabalho doméstico que não paga bem. Como resultado, as pessoas não podem pagar aluguel. O que eles tendem a fazer é ocupar um pedaço de terra e construir um barraco.

Agora, por que precisamos recorrer a ocupações de terra? O Estado não estava preparado para fornecer moradias. A África do Sul tem um programa para construir casas de graça para os pobres. Mas esses programas são frequentemente monopolizados por políticos. Você tem que pagar subornos para consegui-las, tem que estar muito perto dos políticos locais para entrar na espera. Às vezes, as mulheres sofrem assédio sexual para poderem, em troca, entrar na lista. Há muita corrupção na alocação de moradias. Não havia nenhum plano ou política clara, nas cidades, sobre quem fica com a moradia e como. Se houvesse uma política, não seria seguida. Assim, percebemos que não podemos mais esperar entrar em uma lista, porque ela nem existe de fato. Temos reivindicado uma política para que exista uma lista melhor, para que exista um comitê de política de habitação transparente e democrático. Não vamos mais esperar que o governo aja. Eles mentiram para nós. Então, sentimos que é melhor para nós encontrarmos um pedaço de terra e ocupá-lo.

A ocupação como um ato político para denunciar a questão da falta de moradia sempre partiu de uma necessidade genuína das pessoas em ocuparem terras para construir casas para si. Obviamente, há a escassez de habitação. No entanto, as pessoas não querem permanecer desabrigadas quando há muita terra, independentemente de o governo estar ou não preparado legalmente para conceder a terra. Na África do Sul, nós viemos de uma história de desapropriação de terras através do colonialismo e do apartheid. A terra foi despojada da maioria dos negros. Se você quer corrigir os desequilíbrios do passado,

não pode esquecer da História e que a terra foi roubada da maioria negra na África do Sul. Para corrigir isso, a ocupação se torna fundamental. Por que comprar algo que pertence a você? Essa é a intervenção política: fomos desapropriados da nossa terra. Agora é hora de, devagar e lentamente, recuperá-la.



29 de maio de 2018: Abahlali baseMjondolo, também conhecido como AbM ou camisas vermelhas, é um movimento de moradores de favelas da África do Sul conhecido por sua campanha contra os despejos e por moradia popular. Cato Manor assistiu a muitas batalhas territoriais entre os moradores das favelas e a polícia depois que a municipalidade de eThekweni iniciou despejos violentos e ilegais nos últimos dois anos. Mlungisi Makoena foi atingida por tiros nas pernas durante uma dessas ações. Madelene Cronjé / New Frame

 *Você pode falar sobre a repressão que seu movimento tem sofrido?*

Estamos enfrentando uma séria repressão na África do Sul, especialmente em Durban. Alguns dos nossos camaradas foram assassinados, mortos durante protestos e despejos. Todos que se unem à nossa luta aceitam esse risco. E nós dizemos aos companheiros desde o início que, quando eles se juntam ao Abahlali, há risco de morte. Nós enterramos camaradas e continuamos a enterrá-los. Eles continuam a aceitar correr risco porque não aceitam o que seria, de outro modo, seu destino: morrer lentamente, mas, seguramente, morrer sem dignidade.

Alguns de nossos companheiros foram mortos pela polícia durante os protestos ou por políticos e seus capangas e gângsteres. Eles também foram mortos por Unidades Anti-invasão de Terras, que nossas cidades desenvolveram para se empoderarem e essencialmente se tornarem formações militares contra os pobres. Elas se tornaram extremamente bem armadas para lidar com seus cidadãos. A política tornou-se uma maneira de enriquecer e as pessoas estão dispostas a matar ou fazer qualquer coisa para se tornarem ricas e assim permanecerem. Passamos de funeral em funeral. Enterramos nossos camaradas com a dignidade que lhes foi negada na vida. Muitos de nós, na África do Sul pós-apartheid e democrática, não podem dormir em suas próprias casas ou não podem sair de casa depois de escurecer. A repressão vem em ondas. Há violência e há cooptação. Se eles não podem nos matar, tentam nos cooptar em partidos políticos e em organizações não-governamentais.

 *Você mencionou que o movimento de moradores das favelas teve uma origem espontânea. Como vocês conseguiram sustentar isso e criar um movimento? Quais estruturas Abahlali desenvolveu que ajudaram a manter o movimento?*

Sustentar uma organização exige alguns elementos. Claro, toda organização tem um programa. Abahlali tem o que chamamos de calendário do ano. O calendário é muito útil para disciplinar a liderança. Às vezes você tem um evento na segunda-feira e não está se sentindo muito bem; fica com preguiça e não iria, se dependesse de você. Mas como o evento é de domínio público, todos têm conhecimento dele, então, os integrantes sabem que, naquela data, essa atividade deve acontecer. É por isso que estou dizendo que colocar um calendário apropriado para o ano inteiro força a liderança a aderir a ele e os membros vão cobrar a responsabilidade por isso. Toda semana haverá um programa, uma atividade, uma ida à comunidade, seja de educação política ou cívica, uma reunião de lideranças ou da comunidade. Todo fim de semana sempre haverá uma atividade que nos mantenha ocupados e próximos aos membros, ao eleitorado, em diferentes comunidades.

Se você quer se juntar ao Abahlali, nós encorajamos, obviamente, que você conte a sua família e a sua vizinhança. Torna-se sua responsabilidade, desde o início, organizar um grupo central para o qual podemos vir e nos apresentar. Você nos convida, junta um grupo com algumas pessoas, e depois

nós apresentamos o Abahlali. Desencorajamos as pessoas a se juntarem a nós como indivíduos – isso não nos ajuda, e tampouco os ajuda. Então, você nos convidará para sua comunidade e organizará sua comunidade antes de se tornar parte do Abahlali. Então, uma vez feita nossa apresentação, deixamos a comunidade decidir se quer ou não se somar como um bloco. Uma única pessoa aderindo ao Abahlali não vai fazer diferença quando estiverem enfrentando despejos.

Deve haver um mínimo de cinquenta membros entrando no Abahlali. Não temos pressa em adquirir membros. Leva um mês ou até anos para se juntar ao nosso movimento. A democracia pode ser muito lenta e muitas vezes bem chata; temos sido muito pacientes para viver de acordo com isso. Quando chegam a cinquenta membros, voltamos novamente para o que chamamos de educação política. Lá, falamos sobre os direitos das pessoas. Nós pesquisamos antes de ir a cada lugar. Queremos aprender sobre os problemas enfrentados por essa comunidade. Queremos descobrir se eles enfrentam despejos e brutalidade policial. Queremos aprender sobre a pobreza e o desemprego. Queremos que nossa educação política esteja focada em suas necessidades. Nós não generalizamos. Precisamos nos concentrar no motivo pelo qual aquele grupo quer se juntar a Abahlali em primeiro lugar. Certamente há algo que os incomoda. Então, se há legislação que poderia ajudá-los e que eles podem não ter conhecimento, nós trazemos informações para que possam usá-las. Nós gastamos tempo para pensar sobre o que poderia mantê-los no movimento. Hoje, as pessoas estão ali porque você as convidou. Mas como sustentar

isso? Você precisa conhecer seus distritos eleitorais. Conhecer suas necessidades. Saber do que gostam, para se concentrar no lado positivo de suas necessidades. Por exemplo, para manter os jovens, deverá haver muito entretenimento. Construir quadros também é importante.



29 de maio de 2018: Mqapheli Bonono, um membro eleito do conselho interino nacional do Abahlali baseMjondolofala com moradores no assentamento de Enkanini, em Cato Manor, Durban.  
Madelene Cronjé / New Frame

Central para o nosso trabalho é a liga das mulheres. É uma plataforma para que elas construam força dentro da organização. Estamos muito conscientes de que nossa luta se baseia na força das mulheres. Em Abahlali, estamos orgulhosos de ter lançado o que chamamos de liga feminina, um espaço que é especial para as mulheres, porque elas são pessoas especiais em nossa luta. Elas também têm estruturas próprias, nos níveis local, provincial e nacional.

Também temos uma liga de jovens. A ideia é capacitá-los, para que possam assumir posições de liderança enquanto ainda são jovens. Essas estruturas são paralelas. São “asas” do movimento. Chamamos assim, pois as “asas” estão lá para apoiar o corpo principal.

 *Você falou sobre o “aspecto psicológico” do Abahlali. Pode explicar do que se trata?*

A luta é sobre mudar a mentalidade. Você tem que ser muito profundo ao fazê-lo. Por um envolvimento psicológico na luta, quero dizer que deve haver uma maneira de você provocar não apenas o pensamento político, mas também o pensamento espiritual e psicológico das pessoas. Você precisa ir além das queixas políticas e sociais. Tem que mudar a cultura.

Muitas organizações dizem ter membros – “temos 100 mil membros”, eles dizem. Mas se você pedir que convoquem uma reunião, ninguém aparecerá. Porque as pessoas se inscreveram

há alguns anos, não significa que sejam parte da organização. Eles não estão te seguindo, não sentem pertencimento. Nós fazemos uma distinção entre organização e mobilização. Se você mobilizar as pessoas, elas virão naquele dia em particular porque, de alguma forma, conseguiu atraí-las. Mas você não as organizou. Não foi capaz de sustentar essa unidade delas. Parte do elemento psicológico é provocar o pensamento das pessoas para que entendam por que é importante fazer parte do Abahlali, para além do problema da gentrificação e da violência dos despejos. As pessoas se juntam ao Abahlali porque estão com problemas de alguma forma, ou porque o Estado quer despejá-los, ou porque não têm serviços básicos. Alguns se juntam a Abahlali porque o movimento tem advogados poderosos. Mas nossa arte de organizar diz que, por qualquer motivo que te leve a ao Abahlali, nós mudaremos você. Você vem em busca de um advogado, nós garantimos que você não receberá um advogado e desaparecer em seguida. Então, enquanto você recebe o que te trouxe até aqui, nós sistematicamente e psicologicamente instilamos nossa política para que você veja além do que te trouxe ao movimento.

O que eu aprendi pessoalmente nas áreas onde cresci é que as pessoas pobres tendem a não confiar em outras pessoas pobres. Para que eles confiem, você deve estar bem vestido, deve estar dirigindo um carrão. Então eles acreditam que você é um modelo a ser seguido, que pode ser confiável. No entanto, o que aprendemos com as mesmas pessoas inteligentes que dirigem carrões é que, na verdade, elas não são modelos. Eles mentem para as pessoas pobres. De fato, o que os torna ricos é

que mentem para as pessoas, fragilizam as pessoas, escondem informações, mantêm o poder por meio da corrupção.

Do ponto de vista psicológico, o Abahlali está envolvido em desfazer essa forma de pensamento. Dizemos: olhe, as pessoas que vocês mais confiavam por como se vestem, por causa dos carros que dirigem, na verdade, não são boas pessoas. Vamos confiar em nosso próprio povo que nada tem. Mas, claro, nosso pessoal terá que demonstrar se merece nossa confiança. Isso é parte do que fizemos. Agora você pode dirigir seu Mercedes Benz e as pessoas dizem: “vá para o inferno com isso” porque sabem que isso representa o mal em vez do bem. Eu sempre faço questão de dizer que nossa humanidade não deve ser julgada pelo status socioeconômico, porque isso é enganoso. Se eu dirijo um bom carro, se você confia em mim e pensa que sou um ser humano melhor porque tenho uma casa grande, você vai perder o foco. Julgar as pessoas com base em seu status socioeconômico é sempre enganoso. Então, é isso que ensinamos aos pobres. Confiar um no outro. Você pode não ter dinheiro, mas ser rico espiritualmente, e isso faz de você uma pessoa melhor. Você não é corrupto, não vai mentir, não vai tornar a vida de outras pessoas miserável.

 *Você foi para a clandestinidade este ano quando após serem feitas ameaças contra você, como ocorreu também com outros líderes do Abahlali. Poderia nos contar sobre essas ameaças?*

Fui intimidado por todos os tipos de forças – polícia e serviços de inteligência. Eles me disseram que eu só tinha duas semanas para viver. O plano de levar a cabo meu assassinato foi confirmado. Soubemos o nome da pessoa contratada para realizar o assassinato. Havia detalhes claros que mostravam que eu deveria ser eliminado. O Estado não fez nada para me proteger, mesmo sabendo dos detalhes do ataque planejado. Eu tive que ir para o subterrâneo sozinho.

Em dois meses, o movimento foi infiltrado. Descobrimos que camaradas de confiança estavam trabalhando para nossos adversários. Eu me vi cercado por um bando de criminosos, incluindo a polícia. Pessoas que disseram ser da polícia me contaram sobre o ataque. Eu confiei neles. Algumas semanas depois, percebi que eram as mesmas pessoas que poderiam realizar o assassinato a qualquer momento. Esses que disseram que eram da polícia poderiam ter vindo do escritório do prefeito de Durban, que tinha me ameaçado publicamente. Eles sabem onde moro, onde trabalho, meus movimentos. Eu estava totalmente vulnerável.

Eu tive que sair de cena sozinho, porque eles me assustaram o suficiente – nunca tive esse medo na minha vida. Não podia compartilhar isso com muitos dos meus companheiros. Eu estava tremendo, vendo que a morte era iminente. Não conseguia dormir, estava sozinho, sabendo que meus próprios companheiros que estavam perto de mim estavam trabalhando para o inimigo. As mesmas agências de segurança destinadas a me proteger podem me fazer mal. Eu estava na sombra da morte, mas não a temo.



29 de maio de 2018: Alvorecer em Sisonke, um assentamento informal em Lamontville, sul de Durban.  
Madeline Cronjé / New Frame

 *Você poderia nos contar um pouco sobre a organização, sobre o relacionamento entre os membros e os líderes?*

Nosso movimento pertence aos membros. Os eleitos para posições de liderança estão lá para obedecer aos membros. Os líderes que não o fazem podem ser lembrados por uma decisão tomada em uma assembleia geral. Então, precisamos ter certeza de que temos quadros fortes, membros fortes. A organização geral deve ser forte, deve defender seu direito de controlar o movimento, incluindo líderes.

Líderes estão lá para servir o povo. Às vezes, nós, como líderes, quebramos a cabeça tentando descobrir alguns problemas. Mas esquecemos que as respostas estão realmente com as pessoas que nos elegeram. Quando você chega a um ponto em que não sabe mais o que fazer, retorna às pessoas para aprender através de suas experiências e de nossas lutas coletivas.

Queremos fortalecer o povo e não as lideranças. Queremos encontrar maneiras de garantir que a militância esteja na liderança e que líderes não se sintam no comando. Os líderes trabalham para o prazer do povo. Um movimento é saudável quando tem quadros fortes. Os membros devem ser poderosos.

Eu sempre digo que o Abahlali é como as ondas do mar. Assim como elas rejeitam qualquer lixo que você joga, Abahlali sempre conseguiu expulsar seus dejetos. Se o movimento está infiltrado ou a liderança perde a linha, então os membros agem de forma a recuperar o Abahlali deles. Nossa militância forte

e comprometida nos ajudou quando forças que nos odeiam tentam nos destruir.



15 de junho de 2018: Moradores do acampamento transitório Lamontville sendo despejados pela Unidade de Administração de Segurança da cidade de eThekweni's e o Departamento de Assentamentos Humanos, em Lamontville, sul de Durban.  
Rethabile Ts'eiso-Phakisi / New Frame

 *Você pode nos contar sobre a importância da educação política no trabalho que vocês fazem?*

As forças que lutam contra nós são feitas pelo homem. Não são feitas por Deus. As razões pelas quais as pessoas são expulsas de nossas cidades são por causa dos formuladores de políticas e das autoridades que elegemos para o poder. Essas são pessoas cujas opiniões produzem ações que impedem pessoas de terem acesso a residências. São ações políticas por natureza e, portanto, requerem intervenção política. E porque as forças são políticas, precisamos acertar nossas ferramentas políticas.

A política começa com a vida cotidiana das pessoas. Então, devemos propor uma educação política que entenda isso. Não dá pra começar com muitos jargões políticos. Se você começar com um debate sobre capitalismo versus comunismo ou socialismo, então, você confundirá essas pessoas que estão na base. O que o capitalismo tem a ver com homens e mulheres comuns que estão desabrigados? Essa questão precisa ser explicada a partir da falta de moradia. Você tem que começar pela falta de moradia, de água e eletricidade. Então você pode explicar o sistema, como o sistema de propriedade privada degrada a vida de milhões à custa de poucos. Você precisa começar com o que as pessoas entendem e depois construir a teoria.

Você pode ter ideias brilhantes, mas não farão parte das massas se forem separadas das pessoas. Essas ideias brilhantes não terão impacto no mundo, não farão diferença para as pessoas.

Nossa educação popular deve ser humilde. Deve ser voltada para pessoas de diferentes origens, incluindo os educados. Mas estes – incluindo os professores – precisam saber que seu conhecimento não lhes dá permissão para roubar o movimento. As pessoas têm que se movimentar juntas. Nossa educação popular tem que se basear nessa lição.

Para nós, a dignidade está no centro. A dignidade é o núcleo ético. A dignidade dos seres humanos é universal e inegociável. É o ponto a partir do qual a resistência é construída. Os humanos são dignos e exigem viver de maneira digna. É por isso que a falta de moradia é abominável.

Nossa luta pela dignidade e por um mundo digno é longa e difícil. Nossos objetivos não serão alcançados durante a noite. Pode levar anos para ganharmos a questão da terra e vencermos nossos outros desafios. As pessoas serão espancadas e até presas. Vidas serão perdidas. Para essa longa luta, temos que construir a confiança, coragem e determinação das massas. Para isso a educação popular é fundamental.

 *Quais foram as maiores conquistas do movimento? O que mais lhes deu orgulho?*

Conseguimos resistir a todas as formas de despejos, incluindo a repressão. Se não tivéssemos sucesso, o movimento teria sido desmantelado há muito tempo. Conseguimos resistir com sucesso a todos os tipos de forças que foram pensadas

para destruir nosso movimento. Mantivemos as pessoas em suas terras. Mantivemos milhares de famílias em suas casas. No entanto, mais importante, ainda que não tenhamos conseguido construir casas para as pessoas – é isso que queremos –, conseguimos mudar o pensamento psicológico delas. O que é ser desamparado, ser dependente do Estado? Porque é isso que o Estado faz: para controlar corretamente, criam dependência. Conseguimos construir confiança e solidariedade entre os pobres. Conseguimos construir um movimento e mantê-lo popular. Você sabe o que isso significa? O movimento permaneceu pertencente ao seu povo. Não ser cooptado, não ser sequestrado por indivíduos, nem mesmo pelo Estado. As comunidades possuem o movimento, não a liderança. Nós vimos isso quando os líderes sofreram da síndrome do direito. Quando se veem com direito ao dinheiro, aos ativos da organização. Eles não conseguiram ter sucesso porque o movimento sempre pertenceu mais à militância do que a seus líderes. É por isso que os membros conseguiram nos lembrar como líderes e dissolver as estruturas. Então, esse é o poder, que é realmente um sucesso em muitos aspectos.

Apesar de tudo, nosso movimento não apenas sobreviveu, mas cresceu. E continua a crescer. Continuamos a ocupar terras, construir casas e nos apropriar de água e eletricidade. Continuamos a fazer todas essas coisas incríveis e as pessoas continuam a permanecer dentro do movimento. Isso é uma coisa que fomos capazes de fazer; seguimos sendo um lar e uma esperança para milhares de moradores de favelas e pessoas empobrecidas que se encontram marginalizadas. Enquanto o



1º de dezembro de 2018: pessoas no assentamento de eNkanini, em Cato Manor, celebrando a abertura de um novo salão construído com dinheiro arrecadado por eles e com apoio do Abahlali's.  
Giovanni Parzio

governo, partidos políticos e algumas ONGs estão debatendo como realizar a reforma agrária de cima para baixo, estamos conseguindo fazer a reforma agrária de baixo para cima. Nós não esperamos por políticas ou políticos. Ocupamos terras desocupadas e sem uso como forma de corrigir os desequilíbrios

do passado, porque achamos muito sem sentido continuar falando sobre a falta de terra quando sabemos que há muita terra. E decidimos ocupá-las.

A maioria dos assentamentos em que trabalhamos são ocupações de terras feitas pelo povo. Para nós, a terra é muito importante. Temos comida da terra, construímos casas na terra. O governo pode nos negligenciar; eles nem mesmo constroem as casas de responsabilidade do Estado. Mas quando temos terra, podemos pelo menos construir alguma coisa. Não importa como você chame – favela, moradia precária, barraco – é o que podemos pagar. Nós chamamos isso de casa. Nós desenvolvemos nossas casas. Tivemos que conectar a água e a eletricidade. Construímos estradas sozinhos porque é tudo o que podemos fazer. Nós sempre dizemos que enquanto o governo está ocupado construindo para as elites em outros lugares, faremos o que pudermos com os meios que temos. Porque não temos escolha senão viver como seres humanos dignos, então, temos que inventar algo.

Às vezes isso é considerado crime; é muito assustador entender como se define o crime. Quando nos é negado serviços básicos, o direito à cidade – que é consagrado não apenas nas leis nacionais, mas também nas leis internacionais – isso não é visto como crime. Mas assim que você faz uma intervenção para reivindicar esses direitos, de repente, você é um criminoso. Então, estamos muito conscientes sobre o que é criminoso e o que não é. Milhares de pessoas estão vivendo na terra como resultado de nossa luta. Milhares de crianças estão em boas

escolas como resultado de nossa luta. Milhares de pessoas têm meios de subsistência em assentamentos compartilhados como resultado de nossa luta.

Eu sempre uso essa citação de Frantz Fanon. Diz, cada geração deve descobrir sua missão e cumpri-la ou trai-la. Então, a classe trabalhadora, os pobres, têm que decidir o que querem da vida e do futuro. É para eles tomarem essa decisão. Você não se junta aos camaradas porque, de repente, quer socializar. Isso acontece naturalmente, mas deve haver um objetivo. Deve haver um futuro, uma ideia. A mensagem, portanto, é dizer que, a menos que as pessoas saibam o que querem, não há muito o que possa ser feito. Se eles se acharem à margem da cidade, da vida, se se virem sendo empurrados para fora de seus espaços urbanos, forçados a sair de espaços democráticos, explorados no trabalho, se não estiverem conseguindo um padrão de vida, o ônus é deles para se organizar em torno disso.

Nós somos pobres. Mesmo aqueles que se veem como trabalhadores ou até mesmo como classe trabalhadora estão se movendo entre estar empregados e estar empobrecidos. É por isso que pensamos que a unidade entre a classe trabalhadora e os pobres é necessária se quisermos vencer a batalha contra as forças que todos somos contra. Então, essa é a minha mensagem. Se as pessoas estão vivendo numa zona conforto, organizá-las é difícil. Aqueles que estão marginalizados, que sofrem com a gentrificação, podem potencialmente serem trazidos para nossas lutas, para que descubram sua missão e decidam se querem cumpri-la ou trai-la. Trair não apenas a si

mesmo, sendo preguiçoso ou covarde. Mas trair o futuro, as futuras gerações.

É fácil falar sobre a sociedade civil e pensar que estamos todos na mesma página. Algumas pessoas estão lá para se certificar de que nos manteremos pobres. São financiados para se certificarem disso. Temos provas, vimos isso acontecer. Se você fala sobre apoio e solidariedade, esperamos que as pessoas andem conosco, viajem conosco. Não na frente, nem atrás, mas pelo menos ao lado de nós. Não para sequestrar nossas lutas em nome do apoio e da solidariedade. Não falar por nós ou em nosso nome, em nossa ausência.

Nossa existência e nossa autonomia são sempre tomadas pelas elites como ilegítimas, como uma conspiração, como algo a ser destruído. Eles nos veem como criminosos. Achem que estamos fora da lei, que podemos ser espancados, despejados e mortos, com impunidade. Que devemos permanecer em cantos escuros, silenciados, mas temos que trabalhar duro para construir nossa voz e imagem novamente. Nós nos vemos como dignos. Queremos participar da tomada de decisões como todas as outras pessoas. Temos um compromisso com nossa própria dignidade. Não temos escolha a não ser viver como seres humanos.





29 de maio de 2018: Uma criança compra mercadorias em um armazém no assentamento de Enkanini em Cato Manor, Durban.  
Madelene Cronjé / New Frame

Tricontinental: Institute for Social Research  
*is an international, movement-driven institution  
focused on stimulating intellectual debate that serves  
people's aspirations.*

[www.thetricontinental.org](http://www.thetricontinental.org)

Instituto Tricontinental de Investigación Social  
*es una institución promovida por los movimientos,  
dedicada a estimular el debate intelectual al servicio  
de las aspiraciones del pueblo.*

[www.eltricontinental.org](http://www.eltricontinental.org)

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social  
*é uma instituição internacional, organizado por  
movimentos, com foco em estimular o debate  
intelectual para o serviço das aspirações do povo.*

[www.otricontinental.org](http://www.otricontinental.org)